

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: 214

Data: 12/03/81 Pg.: _____

190

A rota legendária dos índios Yamonani

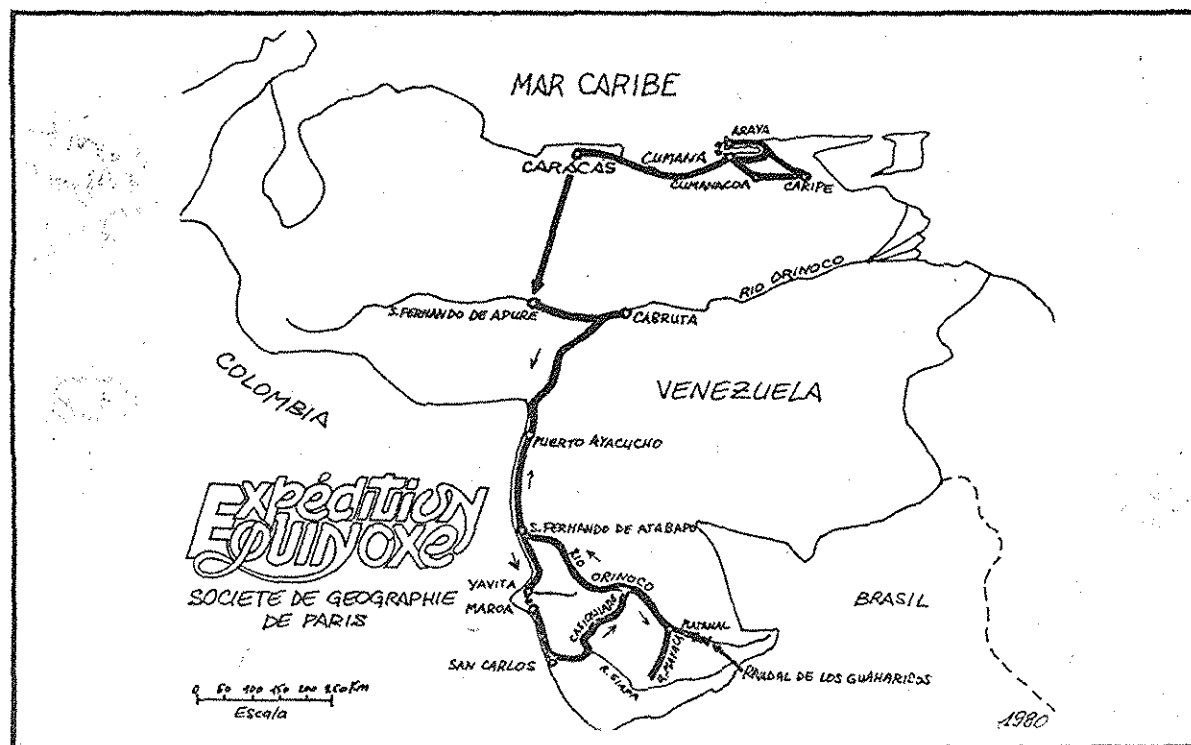
Por Pierre Pointeau — Especial para o DP

Há muitos modos de passar um ano sabático. Dois jovens franceses, Alain Kerjean, de Frejus (Var), e Alain Rastoin, de Paris, ambos funcionários e membros da Sociedade Geográfica parisiense, o dedicaram a uma original e excitante empresa: seguir, depois de 180 anos, o itinerário do grande explorador alemão Alexandre Von Humboldt e, indo ainda mais longe, descobrir a legendária rota que utilizavam os índios Yamonani, no sul da Venezuela, entre o vale do Amazonas e a do Orenoco.

Durante um ano e meio, Kerjean e Rastoin prepararam sua viagem, o primeiro ao deixar seu trabalho no Ministério da Aviação Civil, e o segundo, quando terminava sua jornada na Prefeitura de Nanterre, ao noroeste de Paris. Liam tudo quanto se escrevia sobre os índios, sobre a região e sobre o caminho que só os Yamonanis percorriam para trazer e levar mercadorias entre os portugueses do Amazonas e os espanhóis do Orenoco, um caminho pelo qual transitavam a medicinal zarzaparrilla (planta que cura a blenorragia), a canela e as frutas do altiplano entre os dois rios.

Em maio de 1980, os dois franceses iniciaram sua "Expedição Equinócio", nome do livro de Humboldt "Viagem às regiões equinociais do Novo Continente".

Estritamente atentos ao itinerário seguido pelo explorador alemão e seu acompanhante, o botânico francês Aimé Bonpland, partiram de Cunama, a mais antiga localidade venezuelana, situada na costa do Caribe, e a partir de São Francisco de Apure, às margens do rio Apure, desceram até o Orenoco, cujo curso seguiram



Itinerário da "Expedição Equinócio", seguido pelos dois jovens exploradores franceses

desde Cabruta. No total, 3.000 quilômetros de pistas e de rios.

A ROTA DOS YAMONANI

Com a vantagem sobre seus predecessores de dispor de motores e canoas pneumáticas, mas

igualmente vulneráveis aos mosquitos, piranhas, arraias venenosas e peixes elétricos, e com a mesma ignorância da língua dos índios, Kerjean e Rastoin também sentiam a mesma fascinação ante esse mundo perdido e isolado onde vivem, escondidos na selva, os índios do Alto Orenoco.

Afirmam que encontraram na recôndita região de um país como a Venezuela, onde tudo muda vertiginosamente, aldeias e costumes idênticos aos descritos por Humboldt depois de sua expedição de 1800.

Finalmente, foi uma mistura de sorte e de força de vontade o que os levou a encontrar a rota dos Yamonani. No mesmo lugar em que o alemão Schomburgk, em 1838 ficou desalentado, perdeu-se o britânico Spruce em 1853 e, há apenas três anos, não encontrou ninguém o etnólogo francês Lizot, que havia vivido entre os índios e conhecido sua língua, os dois modernos exploradores se depararam com um grupo de Yamonani disposto a guiá-los até a pista que vai do rio Saipa ao vale do Rio Mavaca. Era a rota da zarzaparrilla, nunca percorrida pelo homem branco.

Depois de caminhar com guias durante mais de dois dias por essa rota invisível para quem não conhece a espessa floresta, Kerjean e Rastoin tiveram que deparar-se com o mau humor de seus auxiliares e dar amarcha ré. Seguir sozinho teria sido perder-se. E, no terceiro dia de viagem, seus acompanhantes depositaram a carga no chão sem dar a menor explicação.

Mas, ao percorrer a maior parte da pista, demonstraram que a antiquíssima via de comércio, segundo parece ainda empregada pelos contrabandistas, existe e serve.

A Venezuela, país voltado para o futuro, ainda tem presente, entretanto, que, antes de ser um grande produtor de petróleo, esteve povoado pelos índios, dos quais restam mais de 150.000. (AFP)